

**CURSO ONLINE SOBRE EDUCAÇÃO, DROGAS E SAÚDE: MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS DE PROFESSORES DA ESCOLA BÁSICA (RJ, BRASIL)**

**ONLINE COURSE ON EDUCATION, DRUGS AND HEALTH: MOTIVATIONS AND EXPECTATIONS OF TEACHERS (RJ, BRAZIL)**

**Francisco José Figueiredo Coelho<sup>1</sup>, Simone Monteiro<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde/Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde/IOC/FIOCRUZ, educacaosobredrogas@gmail.com

<sup>2</sup>Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde/Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde/IOC/FIOCRUZ, monteiro.simone.fiocruz@gmail.com

**RESUMO**

Embora o consumo de drogas tenha importantes implicações sociais, econômicas e para a saúde da população, estudos revelam a dificuldade dos professores do ensino fundamental e médio para lidar com o tema. A escassez de trabalhos educativos sobre drogas nas escolas decorre, em grande parte, da carência de formações continuadas. Este artigo investigou as motivações e expectativas de 49 professores da educação básica para realizar uma formação *online* sobre drogas, desenvolvida pela Fiocruz e o CECIERJ. As principais motivações para o curso foram a busca por conhecimento e instrumentalização pedagógica para lidar com a temática. Segundo os achados os docentes reconhecem a falta de preparo para desenvolver atividades educativas sobre drogas e tem demanda para fazer formações capazes de fornecer informações e recursos didático-pedagógicos que os capacite para abordar as diversas dimensões do uso de drogas no contexto escolar. Os dados evidenciam a pertinência e relevância da oferta do curso *online* sobre Educação, Drogas e Saúde para profissionais da rede pública e privada de ensino. As avaliações, ainda em curso, sobre os efeitos do curso na prática pedagógica vão indicar se o curso fomentou abordagens educativas sobre drogas nas unidades de ensino e se a proposta deve ser expandida.

**Palavras-chave:** Educação - Drogas - Formação de professores - Redução de Danos.

**ABSTRACT**

Although drug use has important social, economic, and health implications for the population, studies reveal the difficulty of elementary and middle school teachers to deal with the issue. The shortage of educational work on drugs in schools is largely due to the lack of teachers training. This article investigated the motivations and expectations of 49 teachers to carry out an *online* training on drugs, developed by Fiocruz and CECIERJ. The main motivations for the course were the search for knowledge and pedagogical instrumentalization to deal with the theme. According to the findings teachers acknowledge the lack of preparation to develop educational activities on drugs and have the demand to make formations capable of providing information and didactic-pedagogical resources that enable them to address the various dimensions of drug use in the school context. The data show the relevance of the *online* course for professionals from public and private schools. The ongoing evaluations of the effects of the course on pedagogical practice will indicate whether the course has fostered educational approaches to drugs in teaching units and whether the proposal should be expanded.

**Key words:** Education - Drugs - Teacher Training - Harm Reduction.

## INTRODUÇÃO

Ao ligar a televisão, pais e adolescentes comumente assistem notícias associadas ao consumo de entorpecentes, seja no contexto recreativo ou abusivo. As questões de guerra contra o tráfico por vezes perduram nos noticiários e redes sociais. Portanto, têm se alastrado para diferentes cenários sociais, incluindo as escolas. Os jovens recebem estas informações com frequência e interagem com outros adolescentes ou adultos consumidores. Quer seja pelas informações vinculadas na mídia ou pelo conhecimento de experiências com usuários próximos, as drogas “circulam” entre os jovens. Isso tem sido evidenciado por pesquisas na última década (BRASIL, 2013; 2016; KING'ENDO, 2017; MOFFAT *et al.*, 2017).

Embora o tema drogas tenha sua relevância em função dos seus impactos sociais, econômicos e para a saúde (LE MOS, 2008; PLACCO, 2011; HORTA *et al.*; 2014; COELHO; MONTEIRO, 2017) e seja objeto de políticas públicas e legislações (BRASIL, 1998; 2006; 2011), estudos revelam a dificuldade dos profissionais de ensino para lidar com o tema na escola básica. Isso é constatado tanto pela prática docente do primeiro autor desse artigo, como nas publicações nacionais (FERREIRA *et al.*, 2010; PLACCO, 2011; ADADE, 2012; ARALDI *et al.*, 2012; ADADE; MONTEIRO, 2014; MOREIRA, VÓVIO, DE MICHELI, 2015; CONCEIÇÃO; SUDBRACK, 2015; COELHO; MONTEIRO, 2018) e internacionais (MIDFORD, 2012b; KING'ENDO, 2015; MOFFAT *et al.* 2017).

A carência de formação dos profissionais de ensino dificulta o desenvolvimento de atividades pedagógicas sobre drogas no contexto escolar. Ou seja, faltam espaços de diálogo no contexto familiar e escolar, capazes de abordar as dúvidas, experiências e implicações do uso dos diversos tipos de drogas. Esta ausência de debates mais abertos na família e nas escolas culmina com o que Acselrad (2015) define como desinformação social acerca das drogas. Em nosso entendimento, essa desinformação amplia percepções negativas em torno do consumo de diferentes substâncias e fomenta equívocos e mitos acerca do consumo de substâncias psicoativas.

Uma busca bibliográfica exploratória, revelou que, no Brasil, apenas dois programas têm assumido ações contínuas de larga escala a fim de preparar profissionais para realizar intervenções preventivas sobre drogas. Ambos utilizam o modelo de educação a distância e foram patrocinados pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). Um deles, denominado SUPERA, recebe profissionais de ensino, mas

não é oferecido com prioridade para professores. O outro, Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, foi ofertado pelo PRODEQUI/UnB, exclusivamente para professores da rede pública de ensino, em diferentes estados brasileiros, por mais de uma década (SUDBRACK *et al.*, 2015).

De igual modo, há poucos programas contínuos de formação e orientação para o uso abusivo de drogas entre os jovens. Uma das iniciativas existentes refere-se ao PROERD, uma adaptação para o Brasil do programa norte-americano *Drug Abuse Resistance Education* (D.A.R.E), surgido em 1983. O PROERD foi implantado em 1992, pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), e hoje é adotado em todo o Brasil.

Segundo Adade (2012), diferente da perspectiva de Redução de Danos (RD), a maior parte das iniciativas que abordam a problemática do uso e do abuso de drogas tem sido orientada pelo enfoque da proibição. Esse fenômeno resulta do resquício da popularização do discurso repressivo que data cerca de dois séculos, alimentado pelo imaginário popular ocidental de que o consumo de drogas induzia seus usuários à violência. De acordo com Labate, Fiore e Goularte (2008), há um consenso cada vez maior de que as políticas de “repressão” ou “demonização” (aspas dos autores) do uso de drogas se mostraram historicamente ineficazes. Nessa direção, eles propõem que:

As propostas caminham muito mais no sentido da informação e da educação, tornando disponível para a sociedade, principalmente os jovens, um conjunto de informações mais precisas sobre as “drogas” e seus efeitos. Todo um arsenal de técnicos e especialistas – ao lado da figura emergente do “usuário profissional” – vêm disputando espaços e recursos estatais e privados para desenvolver projetos de “prevenção”, nas suas modalidades primária ou secundária [...] (LABATE; FIORE; GOULARTE, 2008, p. 29)

Tal perspectiva assinala que as práticas preventivas deveriam promover informações uteis e contextualizadas ao cidadão, ao invés de buscar a abolição e total abstinência, visando a promoção da saúde. Os pesquisadores sugerem que para se compreender o problema do uso abusivo de substâncias é preciso ter um olhar diverso sobre o assunto. Trata-se de não confundir a especificidade da questão das drogas com seu isolamento ou, em outras palavras, com a sua naturalização como algo essencialmente negativo. Ferreira *et al.*, (2010) ilustram o predomínio dessa visão entre professores ao destacarem que:

Embora seja uma ideia observada apenas nos depoimentos de alguns dos entrevistados, notou-se que estes professores consideram as drogas lícitas menos perigosas que as ilícitas, atribuindo a estas últimas um maior potencial deletério ao organismo. (FERREIRA *et al.*, 2010, p. 555).

Como assinala Hart (2014), esses mitos acabam levando à adoção de políticas públicas generalistas e inadequadas, que fomentam o estigma sobre aqueles que consomem drogas. O autor esclarece que isso não significa que a legalização é a alternativa mais viável. Entre a proibição e a legalização há muitas alternativas como a abordagem da RD no âmbito social e educacional. Autores como Trigueiros e Haiek (2006), Hart (2014) e Acsehrad (2005; 2015) vêem a RD como alternativa viável, em contraposição à proposta de abstinência e à “guerra às drogas”, pelo fato de não idealizar ou prometer o fim do consumo de drogas como solução. Essas perspectivas foram também apontadas no trabalho de Coelho e Monteiro (2018), Sodelli (2011) e Silva, Rodrigues e Gomes (2015). Dito em outras palavras, no caso do usuário ativo de drogas, a RD foca no aconselhamento e dá a devida importância à aproximação e à vinculação. Leva o sujeito a refletir sobre o uso e meios mais seguros, conhecendo melhor seus danos a fim de minimizá-los (TRIGUEIROS; HAIEK, 2006).

É conveniente registrar que as produções acadêmicas acerca da RD partem da área da saúde pública, visando reduzir padrões problemáticos de consumo de substâncias psicoativas por meio de intervenções de prevenção (HART, 2014; MOFFAT *et al.*, 2017; SODELLI, 2011). Tal enfoque tem sido menos explorado no campo do Ensino e da Educação (SOUZA; MONTEIRO, 2011).

Diante da importância da abordagem do assunto drogas no espaço escolar e da carência formativa e despreparo dos profissionais de ensino no Estado do Rio de Janeiro, o Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (LEAS), do Instituto Oswaldo Cruz da FIOCRUZ, desenvolveu um curso de formação a distância (EaD) - *online* - sobre drogas em parceria com a Fundação Centro de Ciências e Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ). O curso, intitulado Educação, Drogas e Saúde nas Escolas, visou instrumentalizar professores da educação básica para desenvolver ações preventivas centradas no modelo educativo de Redução de Danos (RD).

O presente texto objetiva analisar as motivações e expectativas dos professores que participaram desse curso sobre drogas. Para tanto, o artigo, inicialmente apresenta uma breve descrição do formato e enfoque educativo do curso a distância. Em seguida, descreve os procedimentos metodológicos, os resultados acerca do perfil, das motivações

e das expectativas dos cursistas. Convém sinalizar que o estudo integra uma de Doutorado, aprovada pelo CEP IOC/Fiocruz com número de parecer 1.787.843/2016. Todas as atividades referentes a essa investigação foram desenvolvidas segundo as orientações e normas desse Comitê.

### **CURSO *ONLINE* E SEU ENFOQUE PREVENTIVO-EDUCATIVO**

Com o intuito de abarcar profissionais de diferentes regiões do Estado do Rio de Janeiro, a formação *online* sobre drogas foi considerada como opção gratuita e acessível para atingir os professores da educação básica, conforme apontamentos oferecidos por Coelho e Monteiro (2017). A concepção do curso teve por base duas outras formações: o Projeto Saúde e Drogas, desenvolvida pelo LEAS, com apoio do Instituto C&A de Desenvolvimento Social (MONTEIRO *et al.*, 2008) e o Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas (PRODEQUI/UnB).

A formação *online* foi adequada aos critérios dos cursos de atualização da Fundação CECIERJ, com carga horária de 30 horas, tendo início em agosto e término no final de novembro de 2017. Na primeira etapa do curso - com sete semanas de duração - os cursistas foram estimulados a debater sobre questões reais sobre drogas, centradas na abordagem de RD, tais como: situações que reconhecessem o uso de entorpecentes nas famílias e de práticas recreativas e de uso problemático em diferentes contextos sociais etc. Na segunda - com cinco semanas - o propósito foi orientá-los a construir e implementar atividades sobre educação e drogas em suas escolas. Esta etapa, denominada Mãos na massa, visou associar a formação teórica e a prática docente ao estimular que o cursista desenvolvesse ações educativas sobre drogas no espaço de sua escola (em sua aula ou em parceria com outros profissionais), tendo em vista as especificidades de cada região (COELHO; MONTEIRO, 2018).

Durante as doze semanas, as discussões nos fóruns temáticos tiveram como eixo: (1) conversações sobre experiências concretas pessoais e pedagógicas dos cursistas; (2) situações-problema lançadas pelo tutor ao longo dos fóruns e (3) sugestões de ferramentas pedagógicas usadas para levar o debate sobre drogas para as escolas. De forma complementar e para enriquecimento dos debates, foram propostos materiais pedagógicos, como: textos de apoio, vídeos educativos, documentários, músicas, charges, ilustrações, etc. No que tange as situações-problema, elas surgiram de situações reais

vivenciadas pelo coordenador/tutor do curso e adaptações do Jogo da Onda<sup>1</sup>. Trata-se de um jogo de tabuleiro que visa promover o diálogo, a interação e o conhecimento de jovens, pais e educadores sobre temas associados ao uso indevido de drogas, por meio de uma aprendizagem colaborativa. Isso, a nosso ver, rompe com a perspectiva simplista e pouco efetiva na qual o uso de drogas é considerado sempre problemático, devendo ser evitado pela proibição e informação prescritiva. Essa proposta lúdica estimula a dimensão dialógica, tendo em vista às dificuldades da família e dos profissionais de educação em abordar o assunto (ADADE; MONTEIRO, 2014).

O curso foi desenvolvido na plataforma MOODLE, dividido em 10 fóruns temáticos. Com o objetivo de estimular a aprendizagem crítica e dialógica dos cursistas, a formação promoveu espaços de diálogo e aprendizagem sobre drogas, estimulando a aprendizagem colaborativa (SANTOS; DECACHE, 2014; CAHIL *et al.*, 2014). Nessa perspectiva, teve-se o intuito de favorecer a identificação de forças, fraquezas, dúvidas, necessidades de construção e socialização de conhecimentos e transformação das práticas pedagógicas dos docentes.

Intencionalmente, a etapa denominada Mãos na massa não buscou ser apenas uma atividade para pontuação no curso, notado com frequência em formações de professores a distância. Pelo contrário, nosso propósito foi que os cursistas compartilhassem suas experiências, e sugerissem atividades para os outros, considerando as discussões e instrumentos oferecidos no curso e a mediação do tutor. Ou seja, não foi o instrumento avaliativo em si, mas uma ferramenta que proporcionou o debate e a troca entre os participantes.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere à coleta de dados, ao longo da formação sobre drogas, foram aplicados dois instrumentos entre os 49 cursistas: questionário de perfil e questionário de avaliação do curso. Tais dados foram complementados com entrevistas semiestruturadas com cinco cursistas (seis meses após o término da formação) e com os registros dos fóruns temáticos, realizados durante o curso. Nesse artigo, será descrito apenas o questionário de perfil, visto que as questões relacionadas às expectativas e motivações foram destacadas nesse instrumento.

---

<sup>1</sup> O Jogo da Onda foi elaborado por Sandra Rebello e Simone Monteiro e publicado pela Edições Consultor em 1998 (REBELLO; MONTEIRO, 1998). Seu conteúdo foi atualizado no ano de 2014. No ano de 2018 iniciou-se um projeto de adaptação para o formato digital.

Na construção do questionário de perfil houve a preocupação de usar uma linguagem acessível e de fácil compreensão (COSTA; COSTA, 2015), sobretudo pelo curso ser totalmente *online* e não ter a ajuda de um mediador ao longo do seu preenchimento. Por isso, foram levadas em conta a ordem e a quantidade de perguntas, uma vez que instrumentos muito longos poderiam gerar dispersão e afetar o interesse dos cursistas, influenciando indiretamente a qualidade das respostas. Nesse caminho, tanto o TCLE quanto os questionários foram diagramados com fontes legíveis, margem e paragrafação adequadas para caberem na dimensão de uma folha A4.

Ambos os questionários foram mistos, apresentando questões abertas e fechadas, sendo auto preenchíveis e anexados em *template* (modelo de word), com possibilidade de envio em formado doc ou pdf. Antes da sua aplicação foi realizado um pré-teste do instrumento com 10 professores da rede estadual de uma escola de ensino fundamental e médio (regular e EJA – Educação de Jovens e Adultos).

Cada questionário recebeu um código de identificação: a letra Q (questionário), seguida da ordem numérica obtida por ordem alfabética, letras M ou F (gênero do cursista, desconsiderando *cis* ou *trans*), idade e curso de formação. Por exemplo, Q1F52LET significa questionário nº 01 de uma professora (F) com 52 anos que leciona na área de letras.

As respostas dos questionários e os registros das postagens dos fóruns foram organizados e interpretados a partir de um conjunto de técnicas de tratamento e análise de dados conhecida na literatura como Análise de Conteúdo (AC). Como descrevem Franco (2012) e Leal (2017), o ponto de partida desses procedimentos são as mensagens oferecidas pelos sujeitos investigados. Especificamente para Franco (2012), as mensagens expressam as representações sociais que refletem as elaborações mentais dos indivíduos, revelando uma dinâmica estabelecida entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. A partir dessas mensagens foram realizadas inferências e interpretações de fenômenos sociais e educativos associadas às motivações e expectativas dos cursistas.

Em se tratando de um curso *online* de formação sobre drogas, as expressões verbais (escritas) dos cursistas foram indicadores indispensáveis para a compreensão do perfil dos cursistas e das práticas educativas acerca do tema para mapeamento do perfil desses profissionais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 49 cursistas, 38 eram mulheres (77,5%) e 11 homens (22,5%). A maior percentual de público feminino corrobora com os dados obtidos pelo sistema de gerência da Fundação CECIERJ, cujo número de mulheres foi três vezes maior que o de homens. Ademais reflete a maior proporção de professores do gênero feminino na educação básica<sup>2</sup>.

Dos cursistas investigados, prevalece a faixa etária de 30 – 49 anos. Contudo, os dados não revelaram relação aparente entre o tempo de magistério, a idade ou o gênero. Houve casos de professores de maior idade e menos tempo de magistério e outros mais jovens com maior experiência docente nas escolas descritas. Como exemplo, podemos citar um professor com 48 anos (Q39M48EDF) e apenas um ano de atuação na escola e outro com 20 anos de idade (Q14M20PED) e três de magistério. Portanto, não foi possível estabelecer um padrão. Em termos de tempo de atuação nas escolas, a equipe de cursistas era heterogênea, com profissionais que lecionavam de alguns meses há mais de dez anos na escola.

Em termos de moradia, o curso contemplou profissionais de 18 municípios, o que representa cerca de 20% dos 92 Municípios do Estado do Rio de Janeiro, bem como duas cidades de outros estados - Guarapava (Paraná) e Lauro de Freitas (Bahia). Com isso, atingiu-se o propósito da capilarização da formação. Essa abrangência indica os benefícios da formação EaD sobre drogas e a dupla acessibilidade frente à gratuidade e flexibilidade dos estudos.

Quanto à formação desses profissionais, a maioria (43) tinha apenas uma graduação, mas parte era habilitada por órgão competente para lecionar outras disciplinas. É o caso de professores de biologia que lecionavam também as disciplinas de química para o ensino médio ou professores de história que lecionavam sociologia. Do universo investigado, 35 haviam concluído ou estavam em fase de finalização em curso de especialização *lato sensu*, 10 haviam concluído ou estavam em andamento em curso *stricto sensu* (9 de Mestrado e 1 de Doutorado).

Dos 49 cursistas investigados, 45 atuavam diretamente em sala de aula como professores regentes, dois como articuladores pedagógicos, um como orientador

---

<sup>2</sup> Segundo a Sinopse do Professor da Educação básica (BRASIL, 2010), as mulheres constituem 81,5% do total de professores do ensino fundamental e médio do país. Apenas no nível técnico-profissional esse panorama muda. O Estudo revela que, dos quase 2 milhões de docentes, mais de 1,6 milhão são do sexo feminino.



educacional e um como diretor escolar. Desses agentes pedagógicos, 40 (81,64%) atuavam em escolas públicas, 8 em instituição privada (16,32%) e um não revelou o tipo de escola onde trabalhava. Embora o curso tenha sido planejado para professores regentes do Estado do Rio de Janeiro, alguns profissionais foram desviados de função ou assumiram novos cargos pedagógicos após o início da formação. Contudo, mantivemos suas inscrições a fim de que pudessem ser disseminadores do curso em suas escolas, considerando que interagiam com outros agentes educativos

### Motivações e Expectativas em relação ao curso sobre drogas

Em relação à pergunta do questionário “*O que lhe motivou a participar dessa formação?*” (tema motivação) três categorias de respostas foram descritas no quadro<sup>3</sup> a seguir. As categorias não são mutuamente excludentes e corroboraram com o registro de postagens *online* descritas no fórum de apresentação do curso:

**Quadro 1 - Categorias sobre MOTIVAÇÕES dos 49 cursistas.**

Pergunta analisada	Categorias	nº	Exemplos de sentenças (unidades de contexto)
O que lhe motivou a participar dessa formação?	Conhecimento e instrumentalização pedagógica	47	“quero uma capacitação para atuação na prevenção” (Q42F40BIO)
			“esses cursos me auxiliam a lidar com situações novas em sala de aula” (Q4F29BIO)
	Troca de experiências e conhecimentos de outras realidades	03	“trocar experiências com outros profissionais sobre a temática apresentada” (Q6F37PED)
			“aprender mais com meus colegas de profissão” (Q16F25LET)
	Benefícios da EaD	03	“o curso é 100% gratuito, EaD” (Q9F26GEO)
			“possibilidade de formação continuada em EaD” (Q38F38BIO)

<sup>3</sup> Esse e os demais quadros foram adaptados do modelo utilizado na Tese de Leal (2017), em que foi apresentada: a pergunta analisada, as categorias criadas, a frequência das ideias que sustentam tais categorias e exemplos de sentenças (representadas pelas unidades de contexto) resgatadas nas mensagens.

As principais motivações para o curso foram a busca por **conhecimento** e por **instrumentalização pedagógica** para lidar com a temática na escola. Foi observada a expectativa de que a formação sobre drogas possibilitaria acesso ao conhecimento sobre o assunto, como destacado por um cursista: “maior compreensão do tema, desconstruir o discurso do senso comum” (Q31M30PED). Parte minoritária dos depoimentos revela um interesse pelo assunto, sobretudo, pelo conhecimento pessoal, mas prevalece a necessidade de uma atualização sobre drogas, visando saberes que possam ser diretamente implementados nas escolas onde trabalham.

Em vários relatos nota-se ainda o receio de abordar o tema e falar algo inadequado ou de fazer apologia ao consumo de drogas. Esse sentimento de insegurança, despreparo ou dificuldade dos professores em lidar com a temática drogas foi igualmente salientado nos trabalhos de Ferreira *et al.* (2010), Adade (2012) e Adade e Monteiro (2014). Outros aspectos, como a percepção da formação sobre drogas como um recurso para desenvolver ações preventivo-educativas para diferentes públicos (amigos, familiares) -- visando o não uso (abstinência) pelos jovens e a sua proteção contra a violência gerada pelas drogas – igualmente convergem com demais estudos sobre o tema (ACSELRAD, 2015; SODELLI, 2010, 2011).

Nessa categoria, é possível também identificar demandas de novas estratégias pedagógicas para dinamizar as aulas, tendo em vista que o tema drogas faz parte do contexto social juvenil. Quer dizer, foi destacada a necessidade de instrumentalização para que os alunos compreendessem os riscos do uso de substâncias diversas. As respostas a seguir são ilustrativas das visões assinaladas<sup>4</sup>:

Quero uma capacitação para a atuação na prevenção do uso do crack, álcool e de outras drogas, atuando na sala de aula de forma positiva e auxiliando no que for possível os alunos, suas famílias, amigos e a sociedade e o modo como lidar com o usuário de drogas. Adaptar os conteúdos à própria realidade. Mesmo que eu não atue de forma direta na prevenção do uso de drogas, realizarei o curso em busca de um complemento, já que atuo com jovens e adultos. (Q42F40BIO)

Eu gosto de fazer formação continuada. Acredito que esses cursos me auxiliam a lidar com situações novas em sala de aula, não me sinto habilitada para lidar com várias situações que como professora eu enfrento. (Q4F29BIO)

---

<sup>4</sup> Os grifos sinalizam verbos, palavras ou expressões que julgamos dar ênfase às respostas dos cursistas para caracterizar o fragmento dentro de uma determinada categoria. Essa prática será realizada em todas as citações de transcrição no decorrer da Tese.

Já participei de várias (no caso, formações) e sei que é muito bom e como estamos vivendo em uma época muito difícil o professor tem que conhecer mais sobre o assunto para saber lidar com certas situações. (Q47F33BIO)

Um grupo menor de respostas aponta como motivação a **troca de experiências e conhecimento de outras realidades**. Embora identificada em apenas três questionários, foi observada com mais clareza nos depoimentos do fórum de apresentação do curso. Essa perspectiva ressalta a aprendizagem centrada nas experiências concretas dos colegas de curso, caracterizando a formação como potencial espaço de diálogo entre os profissionais. Desse modo, remete à importância de se conhecer a realidade do outro para apurar novos olhares em relação ao assunto e favorecer um reposicionamento social (COELHO, 2016; COELHO, TAMIASSO-MARTINHON; PORTO, 2016). Tal enfoque se aproxima da perspectiva freireana que estimula o conhecimento de outros saberes docentes (SELLES, 2002; FREIRE, 2011, 2017). São exemplos de depoimentos dessa categoria:

A ideia de trocar experiências com outros profissionais sobre a temática apresentada. E também poder contribuir com os alunos e profissionais da escola onde atuo. (Q6F37PED)

Oportunidade de aprender mais com meus colegas de profissão. (Q16F25LET)

Um outro grupo, igualmente minoritário, enfatizou aspectos motivacionais relacionados aos **benefícios da EaD**, em parte já atestados por estes cursistas com experiências em formação *online*. Nessa perspectiva, a flexibilidade dos estudos a distância, a gratuidade e a qualidade institucional da Fundação CECIERJ com certificação reconhecida foram consideradas como elementos atraentes e benéficos. Eles associaram esse modelo de formação como opção de preparação para lidar com o tema drogas, adequada às demandas do magistério. Os depoimentos são ilustrativos:

Além de observar que minha formação como professora não me preparou para lidar com essa questão em sala de aula, o curso é 100% gratuito, EaD, oferecer certificado e ser oferecido por instituição reconhecida como a Cecierj. (Q9F26GEO)

A possibilidade da formação continuada em EaD, e a pertinência do tema, emergencial para a adolescência da baixada fluminense. (Q38F38BIO)

Esses dados se aproximam dos apontamentos de Coelho e Monteiro (2017) ao defenderem a EaD sobre drogas como opção flexível e adequada ao estilo de vida do docente que, por vezes, trabalha em muitas escolas. Segundo os autores, a aprendizagem

do professor é viável e favorecida por meio de atividades assíncronas. Cabe salientar que ao longo da primeira e segunda semana do curso, as discussões sobre a flexibilidade na formação e sugestões de adaptações no formato do curso afloraram em diferentes ocasiões. Ora elas aconteciam nos fóruns de discussão específicos de cada semana, ora no espaço de Café virtual (fóruns opcionais de discussão) ou no questionário de perfil. Os cursistas se revelaram confortáveis em propor mudanças para ajustar a formação *online* à vida dos futuros cursistas.

Em relação à pergunta “o que você espera do curso?” (tema expectativa) a sistematização dos dados do questionário revelou três categorias, como descritas no quadro 2, que não são mutuamente excludentes.

Quadro 2 - Categorias sobre as EXPECTATIVAS dos 49 cursistas.

Pergunta analisada	Categorias	nº	Exemplos de sentenças (unidades de contexto)
O que você espera do curso?	<b>Obter conhecimento para ação educativa e assistencial</b>	38	“mais esclarecimentos sobre o assunto e que me ajude a chegar nos alunos sem que eles se sintam ameaçados” (Q29F56BIO)
			“reconhecer os danos, aprender sobre redução de danos, auxiliar alunos que façam uso/abuso de drogas” (Q26F52LET)
	<b>Aprendizagem colaborativa</b>	10	“aprender um pouco mais sobre o assunto com meus colegas de turma e meu tutor” (Q30F50MAT)
			“troca de informações e experiências de como colaborar e atuar na comunidade e transformar o modo como lidar com os usuários de drogas” (Q42F40BIO)
	<b>Vago/Não respondeu</b>	04	“um panorama sobre o tema” (Q36M39HIS)
			“aprender a ensinar e aprender a aprender” (Q43F60PED)

Em torno das expectativas, a categoria **obter conhecimento para ação educativa e assistencial** foi a que apresentou maior frequência de depoimentos (38 respostas). Foi revelado o desejo em conhecer aspectos científicos, pedagógicos e clínicos sobre as drogas que facilitassem intervenções para conhecidos, familiares e escolares.

Notamos que tais discursos estão ancorados numa proposta de aprimoramento com fins de intervenção pedagógica e, por vezes, assistencial para prevenir o uso abusivo ou evitar o consumo de entorpecentes. A atualização pedagógica descrita pelos cursistas converge com a ideia de instrumentalização identificada no quadro 1 e se aproximam dos resultados do estudo de Ferreira *et al.*, (2010), em que parte dos professores reconhece anseios e falta de conhecimento para o trato do assunto nas escolas. Os depoimentos abaixo exemplificam o teor dessa categoria:

Aprender mais sobre os componentes químicos das drogas e como afeta a saúde. (Q5F31QUI)

Mais esclarecimentos sobre o assunto e que me ajude a chegar nos alunos sem que eles se sintam ameaçados. Trabalho em uma área de risco, onde alguns dos meus alunos convivem com toda espécie de drogas lícitas e ilícitas. (Q29F56BIO)

Que me forneça dicas de abordagem sobre o tema em sala de aula, para que eu possa ajudar os alunos a não fazer parte “do mundo das drogas”, ou incentivá-los a sair do mesmo (Q17F37LET)

O exemplo desse último registro reflete uma visão proibicionista-punitiva de drogas, nutrida por um ideal de prevenção associado à abstinência, muito comum nas falas dos cursistas durante a primeira fase da formação. Deduzimos que essa visão em relação às drogas decorre da desinformação social e de visões enraizadas na forma de pensar as drogas, assinaladas na introdução.

Além desse enfoque da prevenção pela abstinência, houve três depoimentos que justificaram a busca pelo curso como um estímulo para a reflexão e o desenvolvimento de posturas e olhares mais humanizadores sobre drogas, a fim de lidar com o preconceito e mitos acerca do assunto. Tais registros indicam que alguns cursistas consideravam pertinente uma abordagem sobre drogas centrada no diálogo e na supressão de equívocos e julgamentos. Outros, destacaram a curiosidade para conhecer a abordagem de redução de danos e a articulá-la na prática escolar. A seguir, exemplificamos:

Espero acima de tudo poder adquirir um grande conhecimento e tirar certos “preconceitos” sobre o tema abordado, visando por um lado mais humano e biológico. (Q11F33BIO)

Distinção sobre os danos causados por cada tipo de drogas, reconhecer os danos, aprender sobre redução de danos, auxiliar alunos que façam uso/abuso de drogas. (Q26F52LET)

A segunda categoria de expectativas (10 respostas) revela a busca do curso como espaços de **aprendizagem colaborativa** a partir de experiências concretas entre o tutor e os colegas da formação. Ou seja, expressaram o desejo de aprender sobre o tema partindo da realidade das drogas em outras escolas.

Aprender um pouco mais sobre o assunto com meus colegas de turma e meu tutor, para que eu possa disseminar conhecimentos a respeito do tema em questão. (Q30F50MAT)

Um espaço de troca de informações e experiências de como colaborar e atuar na comunidade e transformar o modo como lidar com os usuários de drogas. (Q42F40BIO)

Essa segunda categoria vai ao encontro de nossa proposta de formação centrada na construção de espaços de diálogo e aprendizagem sobre o tema. Suas ideias se aproximam da proposta colaborativa descrita no quadro motivacional (Quadro 1). Revela o potencial do trabalho em equipe para que todos aprendam em conjunto, ou seja em “colaboração” uns com os outros. Nessa direção, percebemos que os cursistas reconhecem as experiências alheias sobre drogas como um saber oriundo da prática desses profissionais (SELLES, 2002; TARDIFF, 2014). Como assinalado, esses pensamentos se assemelham à perspectiva dialógica freireana (FREIRE, 2011; 2017) e expressam a compreensão das vivências e experiências do grupo (HEIDGGER, 2012) como conhecimento válido e confortável. Em nosso entendimento, os professores cursistas se sentem mais seguros em conhecer as experiências dos outros e esperam conseguir um espaço para desabafo e obtenção de modelos de práticas educativas próximos à suas realidades escolares, não se sentindo isolados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A maioria dos participantes do curso de formação sobre Educação, Drogas e Saúde reconheceu a sua falta de preparo para desenvolver atividades educativas sobre drogas. Nesse sentido, suas motivações e expectativas estavam relacionadas a busca de informações e recursos didático-pedagógicos que os capacitasse para abordar as diversas dimensões do uso de drogas no contexto escolar. A troca entre as experiências dos docentes, mediadas pelo tutor, foi igualmente valorizada como forma de conhecimento e aprendizagem.

De forma geral os profissionais buscavam através do curso encontrar ferramentas e caminhos pedagógicos para desenvolver ações preventivas em suas escolas, revelando uma preocupação em reduzir, de alguma forma, o consumo abusivo entre os adolescentes. Visto a demanda por diferentes profissionais, essa preocupação social com a educação sobre drogas não é uma aspiração específica dos professores de ciências naturais, mas de docentes de diferentes áreas do conhecimento. Nessa linha, o curso estimulou o diálogo acerca de novas formas de intervenção.

Embora a maior parte dos cursistas tenha buscado a formação online para se atualizar e lidar com novas situações de aprendizagem sobre drogas, alguns ressaltaram a dimensão assistencial para lidar com alunos usuários. Ao longo da formação, essa distinção foi realizada tendo em vista que muitos professores se mostraram preocupados com o quadro de vulnerabilidade de seus estudantes e por não saberem como agir.

Cabe lembrar que a formação sinalizou a importância do papel educativo das escolas e da distinção entre os papéis sociais “preventivo” e “assistencial”; este último cabe especificamente aos profissionais da saúde e da assistência social. Ainda assim, o curso se preocupou com os três níveis de prevenção (primário, secundário e terciário).

É importante assinalar que as demandas relativas às motivações e expectativas dos cursistas convergem com a abordagem educativa da RD que orientou o curso de formação online. Ademais, os achados reiteram que existe reconhecimento e demanda por parte de docentes da escola básica para formações capazes de instrumentalizá-los na abordagem das diversas dimensões do uso de drogas no contexto escolar. Desse modo, evidenciam a pertinência e relevância da oferta do curso *online* sobre Educação, Drogas e Saúde.

As análises futuras sobre as avaliações dos docentes acerca da formação, a partir dos depoimentos dos questionários de avaliação, das entrevistas e dos registros do fórum, vão indicar se o curso atendeu as expectativas dos cursistas e de que modo fomentou abordagens educativas sobre drogas nas unidades de ensino. Tais análises estão em curso e poderão orientar o aperfeiçoamento e ampliação de propostas de formação *online* sobre Educação, Drogas e Saúde nas escolas para profissionais de ensino de diferentes regiões do país.

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, G. A educação para autonomia: construindo um discurso democrático sobre as drogas. In: ACSELRAD, G. (Org.). **Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p.161-188.
- \_\_\_\_\_. **Quem tem medo de falar sobre drogas? Falar mais para se proteger**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015. p.164.
- ADADE, M. A visão de estudantes sobre drogas: subsídios para ações educativas orientadas pela redução de danos. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2012.
- ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014..
- ARALDI, J. C.; NJAINE, K.; OLIVEIRA, M. C.; GHIZONI, A. C. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. **Interface – Comunic., Saude, Educ.**, v.16, n.40, p. 165-146, jan./mar. 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Saúde**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. Lei n. 11.343, de 23 de agosto de 2006. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm)>. Acesso em 20 de junho de 2017.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Sinopse do Professor da Educação básica**. Brasília, DF: MEC/INEP, 2010.
- \_\_\_\_\_. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). **Drogas: cartilha para educadores**. Conteúdo e texto original de Beatriz H. Carlini. 2. Ed. Brasília: Ministério da Justiça, SENAD, 2011. 48 p. (Série por dentro do assunto)
- \_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- \_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- CAHILL, H.; COFREY, J.; LESTER, L.; MIDFORD, R.; RAMSDEN, R.; VENNING, L. Influences on teachers' use of participatory learning strategies in health education classes. **Health Education Journal**. V. 73, nº 6, pp. 702-713, 2014.
- CEBRID. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país**. São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio de redes públicas e privadas de ensino de 27 capitais brasileiras**. Brasília, 2010.
- COELHO, F. J. F. Projeto E3 - Encontro de Experiências com a EJA: formando multiplicadores para debates inclusivos sobre drogas na escola. **Revista Educação Pública**, v. 16, ed. 21, outubro. 2016.
- COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre Drogas: Possibilidades da EaD na Formação Continuada de Professores. **Revista EaD em Foco**, v. 7, n. 2, set. 2017.
- \_\_\_\_\_. Formação *online* sobre drogas na perspectiva da redução de danos: o ponto de vista dos cursistas. **Revista Aleph**. Ano XV, v. 30, p. 187-210, 2018.



- COELHO, F. J. F.; TAMIASSO-MARTINHON, P.; PORTO, P. Memórias sobre uso e abuso de drogas: abrindo espaços de diálogo e aprendizagem na NEJA e pensando novas formas de abordagem do tema no ensino noturno. 2016. TCC (especialização) – NUEC, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- CONCEIÇÃO, M. I. G., SUDBRACK, M. F. O. Uma década de prevenção do uso de drogas nas escolas públicas do Brasil. In: SUDBRACK, M. F.; CONCEIÇÃO, M. I. G.; SEIDL, E. M. F.; GUSSI, M. A. (Org.). **A escola em rede para prevenção do uso de drogas no território educativo: Experiência e pesquisa no PRODEQUI/PCL/IP/UnB nos dez anos de formação de educadores de escolas públicas para prevenção do uso de drogas (2004-2014)**. Campinas: Armazém do Ipê, 2015.
- COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. 6.ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2015, 140p.
- \_\_\_\_\_. **O livro das drogas: usos e abusos, preconceitos e desafios**. São Paulo: Dynamis Editorial, 1997.
- FERREIRA, T. C. D.; SANCHEZ, Z. V D. M.; RIBEIRO, L. A.; OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A. Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, v.14, n.34, p.551-562, jul./set, 2010.
- FRANCO, M.L.P.B. **Análise de conteúdo**. Brasília, 4ª ed.: Liber Livro, 2012, 94p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 63.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- HART, C. **Um preço muito alto**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- HORTA, R. L.; HORTA, B. L.; COSTA, A. W. N.; PRADO, R. R.; OLIVEIRA-CAMPOS, M.; MALTA, D. C. Uso na vida de substâncias ilícitas e fatores associados entre escolares brasileiros. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Rev. Bras. Epidemiol Supl PeNSE 2014**, p.31-45, 2014.
- KING'ENDO, M. Behavior disorders related to drug abuse among secondary school students in Kenya. **Journal of Education and Practice**, vol. 6, n.19, p170-178, 2015.
- LABATE, B.C.; FIORE, M.; GOULART, S. L. Drogas e cultura: novas perspectivas. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L.; FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. (Org.). **Drogas e cultura: Novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 23-38.
- LEAL, C.A. **Estratégias didáticas como proposta ao ensino da genética e de seus conteúdos estruturantes**. 305f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2017.
- LEMONS, T. Ações e efeitos das drogas de abuso. In: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO. DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS. COORDENAÇÃO DE DESAFIOS EDUCACIONAIS CONTEMPORÂNEOS. **Prevenção do uso indevido de drogas**. Paraná: 2008. 152 p.
- MIDFORD, R.; CAHILL, H.; RAMSDEN, R.; DAVENPORT, G.; VENNING, L.; LESTER, L.; MURPHY, B.; POSE, M. Alcohol prevention: What can be expected of harm reduction focused drug education programme? **Drugs: Education, prevention and policy**, v. 19, n. 2, Abril, 2012.
- MOFFAT, B.; HAINES-SAAH, R. J.; JOHNSON, J. L. From didactic to dialogue: Assessing the use of an innovative classroom resource to support decision-making about cannabis use. **Drugs: Education, Prevention and Policy**, n. 24(1): 85–95, 2017.
- MONTEIRO, S.; REBELLO, S.; BRANCO, C. C.; CRUZ, M. **Educação, Drogas e Saúde: Uma experiência com educadores de programas sociais** (RJ, Brasil). Rio de Janeiro: ZIT, 2008. 80p.

- MOREIRA, A.; VÓVIO, C. L.; DE MICHELI, D. Prevenção e consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. **Educ. Pesqui.**, v.41, n.1, p. 119-135, jan./mar., 2015.
- PLACCO, V. M. N. S. Modelos de Prevenção do uso de drogas para adolescentes: concepções e ações de professores. In: SILVA, E. A.; DE MICHELI, D. (Orgs.) **Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa**. São Paulo: FAP-Unifesp, 2011. p. 657 – 678.
- REBELLO, S.; MONTEIRO, S. **O jogo da onda: entre na onda da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz: Consultor, 1998.
- RIBEIRO, M. M. **Drogas e redução de danos: os direitos das pessoas que usam drogas**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013. p. 147.
- SANTOS, C. S. S.; CAMPOS, G. H. B. (2016). Caminhos da Política Nacional de Formação de Professores na Modalidade a Distância. **Revista EaD em Foco**, 6 (1), 69-86. DOI: <http://dx.doi.org/10.18264/eadf.v6i1.332>
- SANTOS, J. M.; DECCACHE, P. M. S. O trabalho colaborativo na EaD: ensinando e aprendendo em equipe. In: COELHO, F. J. F.; VELLOSO, A. (Orgs.). **Educação a distância: história, personagens e contextos**. 1. Ed. Curitiba, CRV: 2014, 132 p.
- SELLES, S. E. Formação continuada e desenvolvimento profissional de professores de Ciências: Anotações de um projeto. **Revista Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**, Vol. 2, N. 2, p.167-181, jul-dez, 2002.
- SILVA, A. G.; RODRIGUES, T. C. L; GOMES, K. V. Adolescência, Vulnerabilidade e Uso Abusivo de Drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. **Psicologia Política**, v.15, n.33, p.335-354, maio-agosto, 2015.
- SOUZA, K.M.; MONTEIRO, S. A abordagem de redução de danos em espaços educativos não formais: um estudo qualitativo no estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Interface - Comunic.,Saude, Educ.**, v.15, n.38, p.833-44, jul./set. 2011.
- SODELLI, M. A abordagem de redução de danos libertadora da prevenção: ações redutoras de vulnerabilidade. In: SILVA, E. A; DE MICHELI, D. (Orgs.). **Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa**. São Paulo: FAP/Unifesp, 2011. p. 599-616
- TARDIFF, M. **Saberes Docentes e formação profissional**. 17.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 325 p.
- TRIGUEIROS, D. P.; HAIEK, R. C. Estratégia de redução de danos entre usuários de drogas injetáveis. In: SILVEIRA, D. X.; MOREIRA, F. G. **Panorama atual de drogas e dependência**. São Paulo: Atheneu, 2006. p. 355-358.